

PRADO. POPULAÇÃO E ESTILOS DE VIDA

ALBERTINO GONÇALVES

Ninguém é bom juiz em casa própria. Este texto, com uma carga subjetiva, é, assumidamente, um exercício de reflexividade. Nascer e ser criado em determinada freguesia não é berço inocente. Diziam os mais antigos que Melgaço era a Suíça de Portugal e Prado a sua sala de visitas. Talvez seja mais apropriado falar de uma encruzilhada. Sob o aparente sossego da paisagem, esconde-se um corrúpio de chegadas e partidas.

A circulação de pessoas explica, em grande parte, a resistência da freguesia à erosão demográfica que marcou o concelho de Melgaço desde a 2ª Guerra Mundial. Observa-se, no conjunto do concelho, uma quebra de 48.2% da população (17 798 residentes em 1950 e 9 213 em 2011). Ressalvando as freguesias da Vila e de Roussas, cuja população residente pouco se alterou, Prado foi a freguesia com menos desgaste demográfico (um decréscimo de 23.6%; 592 residentes em 1950 e 452 em 2011). Nas freguesias de montanha, a quebra foi de 67.8%: perderam, no conjunto, dois terços da população (Ver tabela 1). Como explicar o resultado obtido pela freguesia de Prado? Por pertencer à Ribeira? A Ribeira perdeu, globalmente, dois quintos da população (-38.1%). Por estar perto da Vila? A proximidade da Vila tem influência, embora as freguesias de Roussas e de Chaviães, também vizinhas da Vila, tenham observado tendências opostas: Roussas, que partilha a mancha urbana, mantém, praticamente, a população (decreceu 4.1%), enquanto Chaviães fica reduzida a menos de metade (-54.2%).

Freguesia	Ano							Variação
	1950	1960	1970	1981	1991	2001	2011	
Alvaredo	857	799	733	702	644	614	528	-38,4
Castro Laboreiro	1944	1941	1483	995	867	726	540	-72,2
Chaviães	841	896	648	601	511	431	385	-54,2
Cousso	716	756	760	609	364	361	294	-58,9
Cristóval	1263	1285	1002	834	667	619	528	-58,2
Cubalhão	379	431	438	363	264	209	156	-58,8
Fiães	1005	898	728	448	346	300	239	-76,2
Gave	710	735	753	509	388	280	237	-66,6
Lamas de Mouro	351	368	200	223	184	148	117	-66,7
Paços	917	837	883	554	479	379	317	-65,4
Paderne	2185	2168	2103	1738	1343	1235	1160	-46,9
Parada do Monte	968	1131	1075	821	620	487	370	-61,8
Penso	890	829	715	645	589	563	523	-41,2
Prado	592	621	605	583	538	468	452	-23,6
Remoães	222	224	191	169	140	124	98	-55,9
Roussas	1 154	1 263	1081	1043	1036	1139	1107	-4,1
São Paio	1334	1660	1368	995	720	639	602	-54,9
Vila	1470	1369	1162	1414	1318	1274	1560	6,1
Melgaço	17798	18211	15805	13246	11018	9996	9213	-48,2

Tabela 1. População residente por freguesia

De Prado, emigrou-se, até meados do século, para o Brasil. Algumas “casas de brasileiros” são testemunho. Mas esta emigração pouco efeito surtiu na evolução da população da freguesia na segunda metade do século XX. O que revolucionou Prado foi a emigração para a Europa, designadamente para França. Uma emigração massiva e, em termos nacionais, precoce. “Naquele tempo, o contrabando estava a passar por uma crise. Ouvia-se Fulano foi para França e Sicrano, também. Todos os dias, desaparecia gente” (entrevista). Saliente-se uma informação curiosa. Segundo os resultados de um inquérito administrado em 2003 aos residentes no concelho de Melgaço com sessenta e cinco e mais anos de idade, em Prado, 25% das mulheres entrevistadas foram emigrantes, contra 5.5% nas freguesias do Monte e 11.8% nas freguesias da Ribeira. Prado apresenta o valor mais elevado, seguindo-se Remoães com 20% e Paderne com 18.8% (ver Gráfico 1). Esta informação sugere que a emigração para a França contou, em Prado, com uma maior participação feminina.

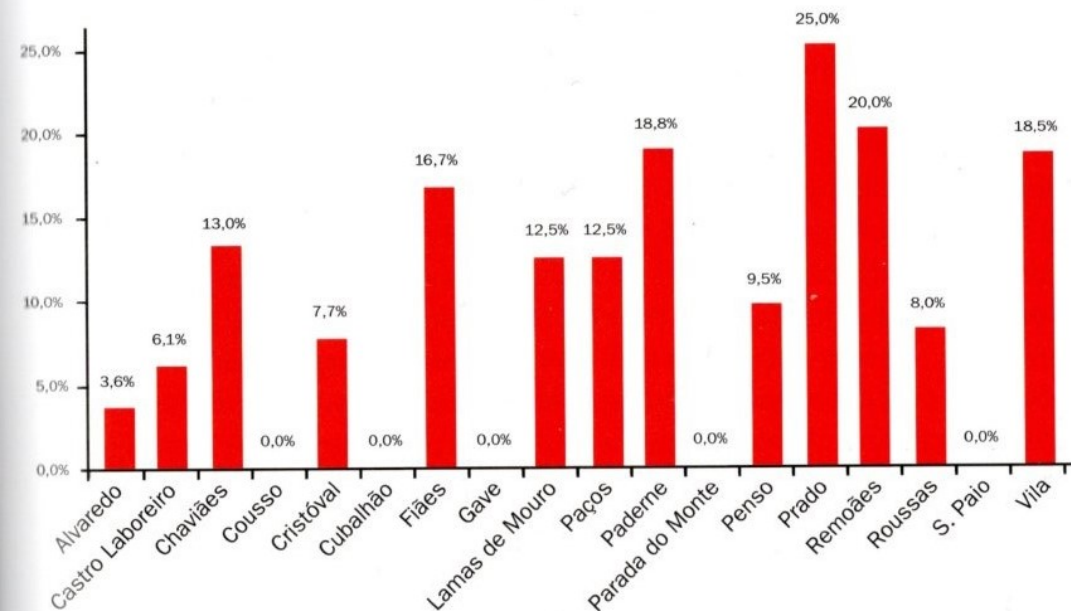


Gráfico 1: Ex-emigrantes entre as mulheres com 65 e mais anos residentes em Melgaço em 2003 (em %)

Consequência imediata da emigração foi a falta local de braços. Resentiram-se, sobretudo, os proprietários agrícolas, com carência de caseiros, jornaleiros e criados, categorias mais propensas à debandada. Prado possuía um número apreciável de quintas, pequenas mas produtivas. Neste contexto, chegou a realizar-se, na Vila, uma manifestação contra a emigração e a ineficácia da polícia.

Se faltam trabalhadores na freguesia, importa recrutá-los fora. Deslocaram-se famílias de caseiros dos Arcos de Valdevez, Paredes de Coura, Ponte da Barca, Vila Verde, Monção e Ponte de Lima. Prado tinha como argumento a qualidade do alojamento e a generosidade das parcerias. Por exemplo, a parceria do vinho subia de um terço para metade. Sentia-se esta afluência nas turmas da escola. Nas mercearias, fechavam-se os livros (de fiado) de quem partia e abriam-se para quem chegava. As novas famílias de caseiros tendiam, por seu turno, a emigrar: todos ou parte dos membros. No cômputo geral, parte expressiva dos residentes em Prado provém destas famílias em trânsito. Neste quadro, justifica-se conceber a freguesia como uma plataforma migratória.

A afluência de caseiros, sobretudo nos anos sessenta, não foi o único contributo no sentido do aumento da população. Acresce o fluxo proveniente das freguesias de montanha. Uma dezena de quintas foi adquirida, principalmente nos anos cinquenta, por pessoas oriundas de Castro Laboreiro, Fiães, Gave e Couso. Parece pouco, mas, se estimarmos em cinco a dimensão média dos agregados, obtemos 50 pessoas: 11.1% da população de 2011. Naturalmente, nem todas as pessoas provenientes das freguesias de montanha compraram quintas. A afluência de pessoas foi apreciável.

Faltam, ainda, dois movimentos populacionais decisivos:

A saída dos residentes para fora do concelho, designadamente para Lisboa, Porto e Braga. Uns para trabalhar, outros para prosseguir estudos. Regressam, mas em férias.

O segundo fluxo diz respeito ao regresso dos emigrantes, mormente nas décadas de setenta e oitenta. Foi um movimento que revitalizou a freguesia. A maioria regressou, alguns no âmbito do programa francês de apoio ao regresso, com uma idade compatível com o exercício de uma atividade económica. Parte substantiva da população de Prado é composta por ex-emigrantes.

O decréscimo da população de Prado, desde 1950, manifesta-se reduzido: 23,6% durante as seis décadas que desertificaram o interior de Portugal. Mas a evolução de uma população não depende apenas das migrações. Depende, também, dos nascimentos e dos óbitos, do saldo natural. O declínio da natalidade e a subida da mortalidade é, há décadas, uma realidade. Em Prado, bem como no concelho de Melgaço. A título de exemplo, entre 2009 e 2018, entre nascidos e falecidos, Melgaço perdeu 1 272 residentes, o equivalente a 13.8% da população em 2011. Parte da quebra da população de Prado deve-se ao movimento natural. Os fluxos migratórios, mais do que contribuir para o esvaziamento da população, contribuíram para a sua heterogeneidade, mormente no que concerne à origem geográfica. A heterogeneidade da população destaca-se como uma das características distintivas da freguesia.

Com tanta mexida e remexida nestas seis décadas, a freguesia de Prado não mudou?

A atividade profissional é um dos eixos do desenvolvimento e da identidade de uma comunidade. Em Prado, por volta dos anos sessenta, existiam, no mínimo, os seguintes ofícios: quatro mercearias, quatro tabernas, um café, um posto dos correios, uma padaria, padeiras, peixeiras, alfaiates, sapateiros, soqueiro, ferreiro, carpinteiros, pintores, músicos, meia dúzia de costureiras, contrabandistas, carteiro, fotógrafo, moleiro, latoeiro... Havia uma escola e um padre. Hoje, Prado tem um café, uma artesã, nenhuma mercearia e várias empresas enxertadas: Centro de Estágios, Pousada da Juventude, Hotel Monte de Prado, Centro de Atividade Ocupacionais, iniciativas equestres...

Nesta travessia, Prado descobre-se mais dependente do exterior, nomeadamente da Vila. Nos anos sessenta, já existia um número considerável de residentes na freguesia a trabalhar na Vila, sobretudo nas áreas da administração e do comércio. Paulatinamente, esta tendência acentuou-se.

Não há modo de escapar ao envelhecimento: em 2011, o índice de envelhecimento ascendia a 354.8 (149 pessoas com mais de 65 anos e 42 até 14 anos de idade). Menos do que no concelho (411.2) e mais do que no País (125.8).

As migrações, a alteração da atividade económica, a relação com a Vila e o envelhecimento da população alteraram a vida da freguesia de Prado. O resultado pode resumir-se nas seguintes palavras: afrouxamento dos laços sociais e esvaziamento do espaço público.

Os Bouços, o Terreiro, a Corredoura, Santo Amaro e a Serra eram lugares tradicionais de convívio: as pessoas passavam e, caso disso, estacionavam. Agora, os passos das pessoas foram cobertos pelo asfalto e substituídos por automóveis. Asfalto por todo o lado. Com os olhos postos nesses lugares de antiga pulsação, parece impossível que tenham transbordado de vida e de gente. O lugar da Corredoura constrange de tão vazio. A própria construção das últimas quatro décadas concorre para o isolamento: um arquipélago de moradias dispersas. E novos valores se consolidam: “Boa festa faz quem em sua casa fica em paz”. O cemitério oferece-se como o local onde é ainda é provável encontrar pessoas.

O lugar da Serra é emblemático. “Sala de visitas”, mas da freguesia.

À Serra acudiam todos os residentes, alguns demoravam-se. Com três mercearias, um café, uma taberna, uma alfaiataria, um sapateiro, o posto de correio, bilhar, matraquilhos e jogo de cartas era o centro comercial, lúdico e social de Prado. O cruzeiro, não havia hora que não tivesse clientela: jovens e velhos, de perto e de longe, de todas as condições. Resta um café recente. A população da Serra encolheu uma vintena de moradores distribuídos por uma dúzia de casas, algumas, por sinal, grandes. “Centro da freguesia”, a Serra era, nos anos sessenta, o mais “aburguesado” dos lugares. Abrigava funcionários públicos, comerciantes e proprietários agrícolas. Nenhum operário ou trabalhador rural. A Serra resume-se, hoje, a um lugar de passagem de automóveis apressados rumo a Paderne, à Vila e ao mundo.

A própria agricultura, pressupostamente tradicional, cedeu aos ventos da mudança. Renovou-se. O alvarinho substitui o milho e as quintas tornam-se empresas. Já não há a cooperação compulsiva da lavoura de Maio. As famílias de agricultores juntavam-se, cada uma como podia, para lavrar os campos. Hoje, as famílias, as tarefas e os recursos são outros...

O que aconteceu em Prado, em termos de população e de estilos de vida, ocorreu em inúmeras localidades em Portugal e na Europa. São ventos que passam, rodopiam e não voltam.



MELGAÇO—Serra.

Figura 1. Lugar da Serra. Prado. Melgaço. Por volta dos anos 1950